

MAÇONARIA

ORIGENS E DILEMAS



Conselho Editorial da LF Editorial

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

Rodrigo Medina Zagni

MAÇONARIA

ORIGENS E DILEMAS



2025

Esta é uma publicação Ilíada Editorial, selo exclusivo da LF Editorial
Copyright © 2025 o autor
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zagni, Rodrigo Medina
Maçonaria: origens e dilemas / Rodrigo Medina Zagni. – 1. ed. – São Paulo:
LF Editorial, 2025.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5563-644-4

1. Maçonaria - Aspectos morais e éticos 2. Maçonaria - Doutrinas 3. Maçonaria - Filosofia
4. Maçonaria - História 5. Maçonaria - Ritos e cerimônias 6. Maçonaria - Simbolismo I. Título.

25-299567.0

CDD-366.109

Índices para catálogo sistemático:
1. Maçonaria: História 366.109

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Ilíada / LF Editorial
www.livrariadafisica.com.br
www.lfeditorial.com.br
(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP
(11) 3936-3413 | Editora

*Aos meus irmãos de Ordem,
sobretudo aos que têm coragem e
se opõem à exploração comercial
da atividade maçônica.*

“O grão-sacerdote afasta em seguida os profanos, me faz revestir de um manto de linho cru e, tomando-me pela mão, leva-me até o mais profundo do santuário. Sem dúvida, amigo leitor, vossa curiosidade querará saber o que foi que se disse, o que foi que se fez depois. Eu o diria, se me fosse permitido dizê-lo; e você ficaria sabendo, se fosse permitido sabe-lo. Mas isso seria um crime do mesmo grau tanto para os ouvidos confidentes quanto para a boca reveladora. Se, contudo, é um sentimento religioso o que vos anima, eu sentiria escrúpulos de atormentar-vos. Ouvi e crede, pois aquilo que digo é verdade. Toquei nas portas da morte; meu pé pousou no limiar de Prosérpina. Na volta, atravessei os elementos. Na profundidade da noite, vi brilhar o sol. Deuses do inferno, deuses do Empíreo, todos foram vistos por mim face a face, e adorados de perto. Eis o que eu tenho a vos dizer, e nem por isso ficastes mais esclarecido.”

Lúcio Apulêio (século II d.C.)

Sumário

<i>Prefácio de Kennyo Ismail</i>	11
<i>Prefácio do autor</i>	15
<i>Introdução – Na encruzilhada histórica do tempo presente: a “quase-história” dos ritualistas e o obscurantismo dos anti-iluministas</i>	19
<i>1. Por uma definição</i>	35
<i>2. Entre cronologias e fetichismos</i>	47
<i>3. A imaginação do passado no vazio das fontes</i>	51
<i>4. A primeira autoridade maçônica</i>	73
<i>5. Em expansão</i>	89
<i>6. A Maçonaria dividida</i>	95
<i>7. A instituição do mestrado maçônico</i>	101
<i>8. As ordens inglesas</i>	109
<i>9. Templarismo e Maçonaria</i>	123
<i>10. Rosacruzianismo, Martinismo e Maçonaria</i>	135
<i>11. Regularidade e reconhecimento</i>	145
<i>Conclusões provisórias</i>	155
<i>Agradecimentos</i>	157
<i>Bibliografia citada</i>	159
<i>Bibliografia sugerida</i>	165
<i>Sobre o autor</i>	170

Prefácio de Kennyo Ismail



Em um universo de literatura maçônica romântica, repleta de fantasias, esoterismo, misticismo e ocultismo, que contava uma história que antigamente seria definida como “estória”, foi que surgiu em Londres, em 1884, a chamada Escola Autêntica de Maçonaria, como a própria “*Quatuor Coronati*”, a primeira Loja de Pesquisas do mundo, fundada com esse objetivo, definiu, conceituando tal Escola basicamente como o sistema que produz uma literatura maçônica baseada em evidências.

E nesses mais de 140 anos de uma literatura maçônica universal baseada em evidências e desenvolvida com métodos, a Maçonaria brasileira começou a dar seus primeiros passos na Escola Autêntica somente há poucos anos, já neste século XXI, em um cenário hegemônico de livros e artigos inspirados em autores não-maçons, como Leadbeater, da Teosofia; Papus, do Martinismo; Eliphas Levi, da Cabala; e Jorge Adoum (Mago Jefa), que lia a sorte na borra de café e na cinza do cigarro, praticava magnetismo animal e medicina natural.

Seus discípulos brasileiros escreveram pérolas aos maçons, como a afirmação de que a cadeia de união funcionaria melhor se os irmãos estivessem nus (sim, despidos, pelados); que a palavra de aclamação era um mantra a também ser dito debaixo do chuveiro, com os olhos fechados; que a corda de 81 nós é um filtro de egrégora, que inspira as energias negativas presentes no templo maçônico e exala energias positivas; etc.

Essa cultura criada na Maçonaria brasileira, de uma literatura maçônica desprovida de fontes, referências, evidências, alcançou também sua historiografia. Como exemplo, autores como Tenório d’Albuquerque escreveram que Tiradentes, além de maçom, era grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito.

O herói mineiro e nacional foi executado em 1792. A primeira loja maçônica no Brasil surgiu em 1797; o 33º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito foi estabelecido nos EUA, em maio de 1801, e concedido no Brasil somente a partir de novembro de 1832. São quarenta anos que separam Tiradentes do 33º grau, mas isso não impediu autores de replicarem essa “história”, que não sobrevive à matemática básica de uma criança de oito anos.

Contudo, vencer essa hegemonia da Escola Romântica de Maçonaria no Brasil é uma missão utópica. Isso porque um autor da Escola Autêntica é, antes de mais nada, um pesquisador.

Ele precisa ter uma formação, ser fluente em outras línguas, ter acesso e buscar fontes primárias e secundárias, ter método de pesquisa, respeitar normas, etc.

E, nesse contexto, além do funil de exigências, o tempo médio de produção de um volume de conteúdo (seja o parâmetro por páginas, palavras ou caracteres) é muito maior do que o de um autor da Escola Romântica, auto-dispensado de todas essas exigências.

Sim, a Maçonaria brasileira está repleta de Mestres e Doutores, de pesquisadores e professores, das mais distintas áreas do conhecimento. Mas no mundo em que vivemos, em que se romantiza trabalhar em excesso, e no qual se faz necessário priorizar aquilo que oferece um retorno financeiro, de modo a cobrir os custos da subsistência, decidir dedicar centenas de horas e outros recursos pessoais para produzir conhecimento maçônico é praticamente um ato de rebeldia, e talvez de loucura.

Especialmente frente a uma realidade em que as próprias organizações maçônicas não têm a cultura de apoio e financiamento daquilo que deveria ser sua área fim e, portanto, prioridade. Basta observar seus orçamentos.

Assim, o simples fato de presenciar o nascimento de mais uma obra maçônica no Brasil conforme a Escola Autêntica seria o bastante para aplaudir a iniciativa do professor, pesquisador e maçom Rodrigo Medina Zagni, autor de “MAÇONARIA: origens e dilemas”.

No entanto, há mais para se comemorar, ao encarar os capítulos aqui disponíveis.

Zagni conseguiu sintetizar muito bem temas maçônicos densos, muitos deles abordados singularmente em longas obras, compartilhando informações que constam em artigos e livros que são referências nesses temas, mas infelizmente desconhecidas, não apenas pelos não-maçons, mas por boa parte dos maçons brasileiros, cujo conhecimento maçônico a que tiveram acesso, além do ritual, é proveniente de magos estrangeiros sem experiência maçônica e seus sequazes brasileiros do século passado.

Obviamente, esta obra não encerra tais temas, mas oferece uma apresentação decente e uma análise consistente de seus sujeitos e objetos, servindo como ótima fonte de informação introdutória aos interessados em compreender em alguns saltos o caminho percorrido pela sublime ordem maçônica nos últimos séculos, com relances estratégicos em momentos e figuras relevantes, até chegar à paisagem atual, de múltiplos ritos, ordens e potências e suas complexas relações.

Somente espero que esta “rebeldia” não se torne um ato isolado e que esta “loucura” não seja tratada, de modo que o Zagni nos surpreenda com mais e mais obras, reforçando o pequeno batalhão de autores brasileiros dispostos a esta quimera contra um exército inteiro perfilado à frente da caverna.

E se você entendeu a referência, creio que apreciará a leitura desta obra.

Kennyo Ismail
Agosto de 2025

Prefácio do autor



Quanta sabedoria tiveram aqueles que conceberam os primeiros calendários agrícolas, relógios de sol e aparatos diversos que desde a aurora das primeiras civilizações permitiram às sociedades humanas domar o tempo! Não os digo sábios apenas porque manifestaram, já em eras que há muito se foram, a essência do espírito especulativo que permitiria à humanidade conceber as ciências (de sua expressão antiga à moderna), observando fenômenos do mundo material e olhando os céus em busca de estrelas, não a fim de procurar nelas as divindades de cujas vontades decorreriam seus destinos, mas para identificar padrões e regularidades com o propósito de tomar, para si, as rédeas de sua própria sorte. É o *logos* se impondo ao mito!

E não os digo sábios, retomando o raciocínio inicial, apenas por essa razão; mas porque ao contar o tempo, já cientes de sua condição cíclica, o eterno retorno dos fenômenos naturais deu ao Homem o poder de se emancipar dos seres míticos que concebera no imaginário coletivo, bem como de recomeçar em sua própria jornada terrena depois de cada fim de ciclo, como prenuncio de um novo tempo.

É o que significa chegar ao fim de um interstício, para então iniciar outra jornada. É também porque, de tempos em tempos, é preciso interromper brevemente a caminhada e, antes de seguir adiante, olhar para trás a fim de saber de onde viemos.

Imaginemos o quão insuportável seria para as sociedades somar, indefinidamente, camadas de tempo sobre mais camadas de tempo sem possibilidade de recomeço. E imaginemos o reinício ou a continuidade, sem que se tenha clareza da sua procedência.

Recomeçar, para o Homem, significa reinventar a si; sem fazer tábula rasa do passado; mas conceber o saber como cumulativo e que se chegamos a um dado grau de compreensão da realidade e da própria condição humana é porque nosso entendimento se soma à tantos outros que nos antecederam. Isso para dizer que na compreensão do hoje habitam os fantasmas do passado e que nos emprestam parte de suas consciências para vermos e lermos o mundo conforme o conhecemos no tempo presente.

Logo, ao celebrarmos o “novo”, não estamos apagando o passado ou sequer superando-o em nome apenas da renovação; é a partir dele que a jornada se constitui

num repertório de ações que se somam à todas aquelas que, antecedendo-as, doam-lhe sentidos e significados.

Não se supera o passado; aprendendo com ele, podemos ultrapassar a nós mesmos!

É o que se procede nos ciclos virtuosos. Já nos viciosos não se apreendem lições quaisquer do passado, se vive e revive anacronicamente nele, abominando qualquer possibilidade de futuro. Assim opera uma espécie de tradicionalismo vicioso que distorce princípios negando-se a adequá-los às necessidades do tempo presente.

Neste amargo de um ciclo que jamais se encerra, os homens não superam a si mesmos: se mantêm agrilhoados em tradições de tal forma vazias já de conteúdos reflexivos que suas ações não detêm mais sentido algum, são meras repetições.

É como se uma porta fosse aberta (nos processos de mudanças das estruturas que vigoram em sociedade), o que não significa que estejam, todos aqueles que vislumbram sua abertura, aptos ao passo em direção a uma nova realidade. A bem da verdade os homens, na zona de conforto dos seus vícios (que afirmam tradições!), veem essas “portas históricas” se fecharem, ofuscados pela fulgurante visão do futuro e murmurando seus temores frente a quaisquer possibilidades de mudança, tratadas como se fossem ameaças às suas limitadas e tacanhas certezas.

Com isso, ao dotarem o tempo de medidas, convertendo sua marcha irrefreável em entendimento racional, e este entendimento em cálculo lógico-dedutivo – dos fenômenos da natureza ao movimento dos astros –, pôde o Homem reinventar a si, na direção da superação das suas próprias contradições.

O mesmo vale àqueles que são iniciados na Maçonaria, elevados (ao grau de Companheiro Maçom), exaltados (ao Grau de Mestre Maçom)¹ ou instalados (na condição de Mestre Instalado, que permite o exercício da presidência de uma Loja Simbólica como Venerável Mestre); quando damos início a uma nova gestão de Loja, a uma Delegacia ou Secretaria, ou quando damos posse a um novo Grão-Mestre (autoridade máxima da Maçonaria Simbólica).

Mas também é quando as crises se impõem e, para superá-las, é preciso recuperar no passado aquilo que nos constitui e, na dialética da história, o nascedouro das contradições contra as quais nos enfrentamos no presente da nossa existência.

É preciso somar o novo ao passado, recolhendo dele a experiência vivida que nos permite dirigir as transformações em curso.

1 Essas designações são comuns aos ritos latinos; já na Maçonaria anglo-saxônica usam-se termos como “passados a Companheiro” e “elevados a Mestre”, entre outras.

Para isso, é tarefa urgente distinguir o que são nossas tradições e o que são os nossos vícios. Não se trata de tarefa fácil, posto que nas tradições habitam significados profundos, enquanto nos vícios residem distorções desses mesmos conteúdos, leituras equivocadas, deturpações de toda sorte, conveniências, empoderamentos ou simplesmente não há sentido algum, senão o erro, do crasso àquele escamoteado pelo discurso empolado do pseudo-especialista.

E nos importa saber o que são nossas tradições pois preservá-las é dever nosso para com nossos antepassados; da mesma forma que devemos, aos mesmos, a tarefa da depuração do que são legados seus e do que é mero senso comum, “achismos” ou mesmo regras inventadas e que não aparecem em nenhuma norma ou *Landmark* (os tais “usos e costumes”), à revelia portanto dos nossos regramentos, como instrumentos egóicos dos nossos vícios e vaidades, usuais para a afirmação de pretensiosas autoridades ou ambiciosas aspirações de poder.

Por isso, da depuração das nossas tradições, é preciso ter conosco, como linhas-guias para o estudo das práticas maçônicas, não apenas as nossas normas, leis, e toda a carga de ensinamentos filosóficos e espirituais, ocultos em símbolos e alegorias, postos em marcha por nossa ritualística, a fim de fiarmos nelas as nossas ações: é preciso dirigirmos as nossas atenções ao passado a fim de sabermos, efetivamente, quem somos e de onde viemos!

É o que pretendemos, humildemente, nas linhas que se seguirão!

Rodrigo Medina Zagni
Agosto de 2025



*"A Table Lodge" – The founding of the Grand Lodge at the Goose and Gridiron Ale House, 1717
Gravura, anônimo*

Introdução

Na encruzilhada histórica do tempo presente: a “quase-história” dos ritualistas e o obscurantismo dos anti-iluministas



O único consenso que se verifica, no debate historiográfico debruçado sobre as origens da Maçonaria, é o de que não há consenso algum sobre isso.

Não para os historiadores, mas para uns tantos maçons interessados no passado da instituição, no entanto, haveria uma origem! Bastaria depurar todas as narrativas, confrontando-as com as fontes (assim considerados, estreita e tacanhamente, apenas os documentos oficiais), estas salvaguardas de toda-verdade, para assinalar “verdadeiro” ou “falso” em tudo aquilo que, de escrito aos itens de cultura material e práticas rituais, diz respeito aos fazeres maçônicos.

Entre mais de uma centena de ritos e, para um mesmo rito, de diferentes versões litúrgicas, não é difícil que o mais culto dos maçons se sinta um neófito por não dominar minúcias (que, para a ciência histórica, não têm a menor importância) frente aos ritualistas especializados nessas pequenezas e alheios, costumeiramente, aos métodos, teorias e filosofias da História, empenhados na missão de depurar a Maçonaria daquilo que consideram anacronismos (mesmo que não saibam, com precisão, o que isso significa).

Erroneamente instrumental a utilização desse conceito tão caro à ciência histórica! Mas desde o ofício do historiador, o exercício da análise crítica das fontes e da identificação e investigação de distintos regimes de historicidade para um mesmo processo histórico (e vejam, não disse aqui de fatos e acontecimentos!) são tarefas muitíssimo distintas daquilo que tem ocupado a atenção desses especialistas.

Na quase totalidade das críticas feitas por eles, ou por interessados em minúcias litúrgicas de diversos ritos maçônicos e suas práticas no passado (o que não se confunde, de forma alguma, com a ciência histórica), aparecem usos muitíssimo equivocados do conceito de anacronismo² a fim de sustentar que “o que não estava lá” (como

2 Sobre o quão complexo é o conceito de “anacronismo” e como é perigoso utilizá-lo de forma inadvertida, sublinhamos a recente publicação do dossiê “História & anacronismo” pela *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, n.º 43, 2022; em especial, Cf.: AVELAR, Alexandre de Sá; SVAMPA, Lucila;

objeto ou como ideia/conceito), desde o princípio (num dado marcador originário), é anacronismo por ter sido ali colocado. A síntese, posta aqui em termos simplistas, desvela a compreensão de uma história contínua, linear e disputada entre posturas de progressismo e de conservadorismo (esta última, a dos “puristas”), sem quebras de paradigmas, rupturas e sínteses dialéticas que demarcam os fluxos e refluxos da história, ocultando também as forças conflitivas que peleiam nesse espectro.

E são desconsideradas, nesses procedimentos, tanto as mudanças que, como processos históricos, afetam as estruturas sociais (objetos da ciência histórica) quanto a historicidade dos fenômenos sócio-históricos, ou seja, mitificações e mesmo falseamentos que adentram à História e se fundem aos objetos de interesse do historiador.³

Essa história, como “linha”, está embebida em convicções de progresso (ou da necessidade de progresso), como melhoramento contínuo dos paradigmas que alicerçam as mais distintas estruturas sociais no convívio das gentes, na melhor das hipóteses; ou da defesa purista da manutenção de “tudo como antes estava”, argumento reacionário e conservador que, no fetichismo ritualista da “forma”, concebe o templo maçônico (onde se reúnem as Lojas e são realizados os seus rituais) e, nele, as práticas rituais, como relicário. O templo é, com isso, um “casulo de realidade”, alheio às mudanças dos tempos históricos e onde não se apresentam os distintos regimes de historicidade que vão se sobrepondo no mundo real, de onde a Maçonaria vai se despreendendo.⁴

Essa “história em linha” onde tudo progride (visão progressista) ou deve ser mantido como antes estava contra qualquer ousadia de progresso (visão conservadora), na ciência histórica, está enterrada junto do criticismo alemão de Leopold von Rake, a *histoire événementielle* contra a qual se bateu a École des Annales de Febvre⁵, Bloch⁶ e Braudel⁷, junto da teleológica compreensão de que essa linha se desenvolve na consecução de fatos-causas e fatos-consequências, sobressaindo-se o

“Ainda somos pecadores? Sobre o tempo histórico e o anacronismo”; BELVEDRESI, Rosa E.; “¿Es posible la comprensión histórica sin anacronismo?”; e NAISHTAT, Francisco; “El Ángel de la prehistoria: anacronismo, discontinuidad y huella en la facies inconsciente de la historia”.

3 Cf.: BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo; “O historiador e o falsário: usos políticos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea”; *Varia História*, vol. 32, nº 60, Belo Horizonte, set./dez. 2016, pp. 807-835.

4 Sobre a concepção de progresso plasmada pela modernidade, Cf.: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 245 e 246.

5 FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. São Paulo: Presença, 1977.

6 Cf.: BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Europa / América, 1965, pp. 95-106.

7 Cf.: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. Lisboa: Perspectiva, 1992.